
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil



Revista Cocar V.13. N. 27. Set./Dez./ 2019 p.944-962

ISSN: 2237-0315

Reflexões sobre a prática pedagógica: do contar ao fazer história no 5º ano do ensino fundamental

Reflections on pedagogical practices: from telling stories to making history in the 5th year of basic education

Mayra G.R. Frison
Rede Estadual de Ensino –do Rio Grande do Sul
Vera Lucia Felicetti
Luciana Backes
Universidade La Salle – Unilasalle
Université Lyon 1 – França.
Canoas – Rio Grande do Sul – Brasil e Lyon - França

Resumo

Contar e ouvir histórias são práticas que acompanham a humanidade desde os mais remotos tempos. As histórias fazem parte do contexto social e participam dos processos de ensino e de aprendizagem, no contexto escolar. O objetivo da atividade aqui relatada foi de explorar a contação de histórias como uma prática pedagógica. Na articulação de dois projetos de pesquisa desenvolvidos em cooperação entre escola e universidade, nesse relato de experiência é apresentada a proposta dirigida aos alunos de um 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual por meio do livro “Os sete camundongos cegos”. A partir da prática pedagógica desenvolvida em aula, das interações realizadas e dos registros das atividades, notou-se maior comprometimento dos alunos e a potencialização do processo de interação entre eles, com o professor e o conhecimento, contribuindo para a atribuição de significado aos conhecimentos, ou seja, a aprendizagem dos alunos. Além disso, desencadeou o interesse de outros professores e alunos para a realização de atividades semelhantes envolvendo a contação de histórias.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem, Contação de histórias, Educação Básica.

Abstract

Telling and hearing stories are practices that have followed humanity since ancient times. Stories are part of the social context and they are included in the teaching and learning process in the academic context. The purpose of the activity reported here was to explore storytelling as a pedagogical practice. In combining two research projects developed in cooperation between a school and a university, so this experience report proposed working with the book “Seven blind mice” with 5th-year Basic Education students in a public state school. Based on the teaching practice developed in class, the interactions and records of activities, we noticed greater student engagement and a strengthening of the interactive process between them, the professor and the knowledge, helping attribute meaning to this knowledge, that is, the students’ learning. Moreover, it sparked the interest of other professors and students in carrying out similar activities involving storytelling.

Keywords: Teaching and learning, Storytelling, Basic Education.

Introdução

Contar e ouvir histórias são práticas desenvolvidas em todos os contextos, quer sejam eles escolares ou não. Assim, contar histórias quer sejam elas impressas, digitais, orais, pessoais ou coletivas pode ser uma possibilidade pedagógica que, quando acompanhada de encantamento, prazer e imaginação, aspectos estes inerentes ao seu caráter literário, contextualiza o fazer pedagógico do professor, logo, pode ser explorado em todos os graus de ensino, seja ele a Educação Infantil ou a Pós-graduação, para contextualizar os conhecimentos.

O termo “contação de histórias”, usado por Rossoni e Felicetti (2014, p.526) em seus estudos “[...] trata-se de um neologismo da Língua Portuguesa referente ao ato de contar/narrar histórias, em que há a presença de um contador/narrador que dá corpo e voz às narrativas.” O termo correspondente em Inglês é storytelling e esta é uma abordagem muito usada na cultura internacional para o ensino escolar (PELLOWSKI, 1991; DAILEY, 1994; COLLINS e COOPER, 2005).

Com o objetivo de explorar a contação de histórias como uma prática pedagógica, a fábula “Os sete camundongos cegos”ⁱ, de Ed Young, foi desenvolvida com alunos de um 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual de Porto Alegre a fim de compreender a potencialidade para a construção do conhecimento de diferentes componentes curriculares, no contexto educacional. Na matemática, foi estudada a geometria; em artes, com as partes do Tangram em tamanho da altura dos alunos e com a gravação da história, foi realizado o teatro; em português, alguns alunos se propuseram a contar a história com a sua interpretação para a turma e logo depois, realizaram uma produção textual, modificando a história; em geografia foi realizado um painel com o mapa planejado, chamado de “Meu planeta até meu bairro”.

Essa prática pedagógica emergiu na articulação de dois projetos de pesquisa. O “Projeto Biblioteca Viva: espaço de apoio ao processo de ensino e aprendizagem” é composto de três fases. Na primeira fase, o objetivo foi revitalizar o espaço físico da biblioteca realizando atividades como pintura, limpeza e conserto elétrico. A segunda fase ocorre concomitante a terceira, tendo a segunda os objetivos de restaurar e organizar o acervo, bem como a renovação do mobiliário. Nesta fase, há

a participação de alunos bolsistas de iniciação científica júnior – IC-EM. Já o objetivo da terceira fase é desenvolver atividades educacionais de orientação e incentivo à leitura e pesquisa com a parceria de docentes e discentes de um Programa de Pós-graduação em Educação associada à participação ativa de docentes e alunos da escola. Esta fase inclui oficinas de formação pedagógica e didática aos professores da escola. Também na terceira fase é desenvolvida a hora do conto em diferentes idiomas. Este relato de experiência está relacionado a terceira fase do projeto Biblioteca Viva. O projeto “Recontextualizar as ciências e a contação de histórias para os processos de ensino e de aprendizagem da educação básica à formação de professores em nível internacional”ⁱⁱ ocorre em parceria entre a Universidade La Salle – Canoas (Brasil) e a Université Claude Bernard – Lyon 1 (França). O objetivo desse projeto consiste em compreender a construção do conhecimento a partir de práticas pedagógicas que contemplam ciências e literatura, na educação básica e na formação do professor, a nível internacional, mediados por artefatos tecnológicos (analógico e digital), a partir da metodologia de Estudo de Caso com cunho qualitativo. Ambos são realizados em cooperação entre escola pública e universidade.

No artigo relatamos a experiência vivenciada apresentando o referencial teórico que sustenta a prática pedagógica. Após, exploramos a metodologia de pesquisa na qual a experiência desenvolvida com os alunos está vinculada e a análise dos dados oriundos da prática pedagógica. Finalizamos com as considerações e as referências.

Contação de histórias: cenário para a aprendizagem

A sociedade está em constante transformação, quer seja científica, tecnológica, educacional ou por aspectos que permeiam os costumes e vivências do dia a dia do ser humano. Muito mudou, muito se esqueceu e se perdeu, no entanto, as histórias se perpetuam ao longo do tempo, numa sinergia entre o passado, presente e futuro, entre o arcaico (origem) e o tecnológico (contemporâneo). Elas contam o tempo, o espaço e as mudanças vividas. Elas fazem o passado presente e como escreve Mincato (2017, p.44) é “[...] inconcebível ao nosso entendimento um universo sem histórias.”.

Reflexões sobre a prática pedagógica: do contar ao fazer história no 5º ano do ensino fundamental

O contar histórias e a leitura têm importância ímpar no contexto escolar. A prática da contação pode desencadear a imaginação, fantasia, aumento do vocabulário, a sensibilidade de ouvir os sons, o gestual, a interpretação e envolver maior participação individual ou do grupo. Logo, entendemos a contação de história como contextual para a prática pedagógica que contempla a empolgação do sujeito, a interação e a contextualização dos conhecimentos, ou seja, a ação do sujeito no processo cognitivo, conforme Piaget (2003). Assim o aluno é participante na construção do conhecimento de maneira autônoma e autoral. A contação de histórias não é apenas mais uma “ferramenta” ou “técnica” utilizada em sala de aula, mas um cenário que o aluno explora para atribuir significado ao conhecimento, protagonista e não apenas figurante no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, o aluno articula os conhecimentos prévios com os novos conhecimentos, problematiza as situações apresentadas, interage com os seus colegas, interpreta, constrói e reconstrói histórias e conhecimentos.

Para tanto, o professor, enquanto mediador do processo de aprendizagem, reconstrói o processo de ensino contemplando a problematização, a dinamicidade e dialogicidade em congruência com a vida contemporânea. Recursos como celular, jogos, aplicativos, conectados ou não a internet, estão se fazendo presentes de maneira mais intensa no trabalho de sala de aula, portanto, é fundamental compreendermos as potencialidades e os limites desses recursos a fim de explorarmos a contação de histórias e, conseqüentemente, atribuir significado social à leitura, à escrita e aos conhecimentos. Logo, ler, escrever e aprender os conteúdos escolares necessita estarem associados às experiências cotidianas dos alunos.

Como diz Baldi (2012, p. 13):

[...] Escrever e ler, nos leva a pensar e, portanto escrita e leitura são instrumentos fundamentais para o desenvolvimento da capacidade de reflexão. Alguém que costuma escrever e ler pensa mais e melhor do que quem não o faz. Ou seja, através da escrita e da leitura, podemos nos tornar mais e mais inteligentes, não só pelas informações a que temos acesso, mas também, e principalmente, pelas operações mentais que provocam e exercitam: lembrar, comparar, relacionar, antecipar, caracterizar, inferir, coordenar, selecionar, formular, decidir e concluir, entre tantas outras.

A contação de histórias pode ser o cenário para associar o conhecimento teórico com o conhecimento prático, o irreal com o real, o impossível ao possível, desafios estes propostos para a contemporaneidade complexa, logo, dignos da profissão docente. “Contar histórias é o exercício de cidadania e a linguagem artística mais democrática que eu conheço: não exige um espaço fechado nem aparatos e tecnologia específicos. Basta um que conte e um que ouça. E pronto! O banquete está servido!” (SISTO, 2012, p.11).

A contação de histórias representa um artefato para a prática pedagógica, pois tanto professor quanto alunos atribuem um novo significado ao identificar a potencialidade no processo de ensino e o cenário para a aprendizagem, por meio da imaginação, enredo, metáforas e conhecimentos, assim como uma possível aproximação aos pais, engajando-os no desenvolvimento cognitivo de seus filhos, bem como o gosto pela leitura e em extensão pelos estudos. (DAILEY, 1994)

Simplesmente contar histórias não é o suficiente, para ser considerado um artefato, essa ação precisa ser consciente e intencional. “Contar histórias é uma arte, não há dúvida, mas é arte que pode ser desenvolvida.” (DOHME, 2011, p. 16). Logo o professor pode desenvolver a arte de contar histórias, associando implicitamente atividades atinentes ao contexto escolar, sem perder o encantamento que elas têm. Pois muitas vezes, os alunos da rede pública e localizados em comunidades carentes, têm acesso à leitura, arte, teatro e outros momentos, somente na escola.

Assim, a contação de histórias não ocorre de forma aleatória, existem aspectos relevantes a serem considerados para que possamos recontextualizar as ciências na Educação Básica conforme realizado a partir da história “Sete camundongos cegos” para alunos de um 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual de Porto Alegre.

Aspectos da contação de histórias em ação

A prática pedagógica precisa ser intencional, com objetivos focados no processo de aprendizagem e fundamentada teoricamente. Portanto, a recontextualização das ciências e a contação de histórias contempla aspectos relevantes que necessitam de destaque. Conforme Guillouët (2010), as histórias

Reflexões sobre a prática pedagógica: do contar ao fazer história no 5º ano do ensino fundamental

infantis representam para os alunos uma forma acessível de apresentar os conteúdos estudados, rompendo possíveis bloqueios relacionados ao conhecimento científico apresentado como complexo. Outro aspecto destacado pelo autor consiste na identificação dos alunos com o herói da história, apropriando-os das questões abordadas, provavelmente engajando-os no envolvimento da resolução da trama.

A partir das interações entre pesquisadores e professores, entendemos que a recontextualização das ciências e a contação de histórias podem contribuir para uma prática pedagógica em que os conhecimentos são apresentados de forma contextualizada com o enredo da história, que por meio da mediação pedagógica, contribui para a contextualização dos conhecimentos no cotidiano dos alunos e, conseqüentemente atribuem significado para o conhecimento. Segundo Piaget (2003, p. 15) “Conhecer não consiste, com efeito, em copiar o real, mas em agir sobre ele e transformá-lo (na aparência ou na realidade), de maneira a compreendê-lo em função dos sistemas de transformação aos quais estão ligadas estas ações”.

O livro “Sete Camundongos Cegos” (Figura 1), escolhido no âmbito do projeto “Recontextualizar as ciências e a contação de histórias para os processos de ensino e de aprendizagem da educação básica à formação de professores a nível internacional”, está “previsto”, para alunos de 3º ano do ensino fundamental de acordo com Programa Nacional da Alfabetização na Idade Certa, representando um desafio para a contação dessa história aos alunos do 5º ano.

Figura 1 - Capa do livro sete camundongos cegos e os palitoches feitos pelos alunos



Fonte: Fotografia do acervo da biblioteca da Escola Estadual de Ensino

A contação da história foi realizada em capítulos e pautada em conteúdos de português e matemática, a fim de obter maior comprometimento por parte dos alunos da turma em relação ao conhecimento e no desenvolvimento de atividades que contribuem para aprendizagem dos alunos, considerando as dificuldades em relação à matemática, especificamente conteúdos de geometria, e ao português, considerando a resistência à prática de leitura. A contação da história e algumas atividades ocorreram no espaço da biblioteca, inaugurada no ano de 2017, a fim de familiarizar os alunos a esse novo espaço e de torná-los protagonistas na realização das atividades.

A professora realizou a contação da história, utilizando a entonação de voz, explorando o suspense e fazendo o uso de gestos que foram relacionados aos momentos das cenas. Após a leitura, os alunos foram desafiados a utilizar nas disciplinas de matemática e português a moral do livro “Saber em parte pode dar uma história ótima, mas a sabedoria vem de conhecer o todo” (YOUNG, 2011, p. 39).

Recontextualizando as ciências e a contação de histórias

A recontextualização tem a finalidade para além de apenas pensar o discurso educacional, mas também de pensar qualquer discurso como sendo a recontextualização de uma prática social (VAN LEEUWEN, 2008).

A contação de história enquanto prática social tem em seus participantes, nas ações por eles desenvolvidas, nas definições de tempo, espaço, local, recursos e condições de elegibilidade, elementos que podem ser recontextualizados, possibilitando processos de transformação no contexto em que são narradas. Pensar a contação de histórias como uma possibilidade de recontextualizar as ciências nos permite organizar diferentes componentes curriculares e seus conteúdos de forma que o aluno consiga dar significado a eles através de substituições, rearranjos, comparações, subtrações ou adições.

Nesta direção, a história dos “Sete camundongos cegos”, proporcionou a recontextualização do discurso que envolveu diferentes componentes curriculares e seus conteúdos. No caso da disciplina de matemática foi utilizado o conteúdo da geometria, sendo trabalhadas as figuras planas seguidas dos sólidos geométricos. Em um primeiro momento, localizamos as figuras planas no nosso cotidiano, nos

Reflexões sobre a prática pedagógica: do contar ao fazer história no 5º ano do ensino fundamental

materiais utilizados em sala de aula, como exemplo: cadernos, lápis, borracha, quadro, portas e janelas, sorvete e bolas, com o objetivo de desenvolver e explorar as formas, linhas, ângulos, a quantidade de arestas e vértices de cada figura até a ampliação delas. Deste modo os alunos conseguiram verificar os pontos em comuns e não comuns de cada forma geométrica, explorando as figuras planificadas.

Nesta etapa da construção pôde-se notar que alguns alunos estavam com dificuldades em associar as figuras planas a objetos presentes no cotidiano. Logo após a construção de figuras planas realizamos desenhos utilizando as figuras planas que os alunos construíram. Como pode ser visto na Figura 2.

O Tangram também foi explorado em dois momentos. No primeiro momento, os alunos construíram as figuras planas de forma concreta, utilizando materiais reciclados como caixas de papelão, livros, folhas coloridas e cola. Depois foram encapadas com fita adesiva para que o material pudesse ter uma durabilidade maior, assim os alunos poderiam tocar sempre que necessário, sem medo de estragar, e relembrar sempre que necessário a retomada dos conteúdos e das formas das figuras planas, conforme a Figura 2.

Figura 2: imagens de algumas das regiões planas construídas.





Fonte: Acervo da professora.

No segundo momento, após o reconhecimento das figuras planas como o quadrado, triângulo, retângulo, círculo, paralelogramo e losango, os alunos iniciaram o agrupamento de algumas regiões planas para a construção de planificações que levaram a construção de sólidos geométricos. A professora já dispunha de sólidos construídos o que estimulou os alunos na construção dos seus. Foram expostas todas as regiões planas, a planificação e os sólidos geométricos na sala de aula (Figura 3).

A aula foi dinâmica e o processo de aprendizagem ocorreu quando os alunos atribuíram sentido para o conhecimento, pois além de visualizar as partes que compõem determinados sólidos, puderam manipular as partes até formar o todo. Os alunos também compartilharam seus conhecimentos com seus colegas de outros 50s anos da escola, ao compartilhar o material. Segundo Meirieu (2002, p.54) a efetivação da aprendizagem ocorre quando: “uma informação só é identificada se já estiver, de certa forma, assimilada em um projeto de utilização, integrada na dinâmica do sujeito e que é este processo de interação entre a identificação e a utilização que é gerador de significação, isto é, de compreensão.” Após a cada aula, os alunos realizavam as atividades dando exemplos e associando a utilização das figuras a objetos do cotidiano, observando os espaços de aprendizagem, na ajuda com os colegas que ainda apresentavam alguma dificuldade.

Figura 3: Materiais expostos na sala de aula.



Fonte: Acervo da professora.

Reflexões sobre a prática pedagógica: do contar ao fazer história no 5º ano do ensino fundamental

Depois da identificação das regiões planas, planificação e construção dos sólidos geométricos, realizamos mais uma atividade. Nesta os alunos usaram uma venda nos olhos para identificarem os sólidos com o toque apenas. A atividade também funcionou como uma avaliação da aprendizagem, verificando quais os atributos utilizados para diferenciar poliedros de corpos redondos.

Figura 4: Um aluno realizando a separação das peças



Fonte: Acervo da professora.

Um aluno de cada vez, com os olhos vendados, utilizando somente o tato e ouvindo as informações da docente, deveria separar os poliedros dos corpos redondos, estando estes expostos sobre a carteira. Esta atividade proporcionou aos alunos experienciarem o que uma pessoa sem visão sente e desenvolverem as sensações táteis. A professora fez relação com o experienciado pelos sete camundongos aos explorarem a “Coisa”.

Em continuidade com o material palpável, foi proposta aos alunos, a transformação dos personagens (os camundongos e o elefante) e cenário (casa) do livro “Sete camundongos cegos”, utilizando as peças do Tangram.

Com as figuras do Tangram, conforme Hahn (2011, p.34):

O Tangram é um quebra-cabeça de origem chinesa, que foi trazido para o Ocidente por volta da metade do século XIX. A origem e o significado da palavra Tangram possui várias versões e não existem registros históricos que revelem a verdadeira. Uma delas está associada à palavra “Tchi Tchiao Pan”, cuja tradução seria “Sete Peças da Sabedoria”, dando a ideia que seu criador tivesse algum propósito religioso ou místico.

A turma ouviu algumas versões das lendas do Tangram trazidas pela docente que leu uma das versões. Os alunos foram recortando as peças do Tangram, após fazerem as dobraduras referentes a elas em uma folha quadrada. Após o Tangram desmontado, os alunos tiveram que montar a sua forma original, ou seja, voltar à forma quadrada.

Ao iniciar a leitura os alunos não foram avisados sobre o que aconteceria com o recorte das peças do Tangram e ao final acharam a atividade muito divertida, pois se deram conta que deveriam ter prestado atenção em como foi recortada cada peça. Aqueles alunos que assimilaram primeiro como seria a montagem original do Tangram ajudaram os colegas que ainda não tinham conseguido. Neste momento da aula, relembramos o formato das peças individuais, até a formação do Tangram. É importante este reconhecimento, nomear as suas partes, comparar, interpretar e descrever. Os alunos localizavam as peças que tínhamos construído e que estavam expostos na sala. Esta retomada é importante para os próximos conteúdos curriculares dos alunos do 5º ano, pois na sequência, eles aprendem a medir perímetro e área.

E depois dessa aula, os alunos ampliaram, no papel pardo, as figuras que formam o Tangram até chegarem a tamanhos proporcionais a altura deles (Figura 6). Logo após a construção do Tangram foi utilizando materiais de EVA (Ethylene Vinyl Acetateⁱⁱⁱ) para a construção de cada peça.

Figura 5: Tangram



Figura 6: Peças do Tangram



Fontes: Acervo da professora.

A construção do elefante para o cenário, onde os alunos eram os protagonistas, foi pensada e construída proporcional ao cenário, de modo que os alunos e que todo público pudesse ver, dos seus assentos, sem a necessidade de levantar do lugar. Foram feitas algumas medidas no caderno, ampliando as peças do Tangram até que chegamos à conclusão que a figura do elefante teria a área do quadrado de 1 m².

Os alunos manusearam o papel pardo primeiramente, fazendo as dobraduras necessárias. Após juntou-se com fita adesiva duas folhas do mesmo tamanho, dobrou-se formando um quadrado, cuja área era de 1 m², recortando o quadrado em

Reflexões sobre a prática pedagógica: do contar ao fazer história no 5º ano do ensino fundamental

dois triângulos. Um dos triângulos foi dividido em dois triângulos médios, o outro triângulo foi dividido em um trapézio e um triângulo menor, no trapézio se separou em duas partes maiores, de um lado recortou-se em um quadrado e um triângulo menor, e de outro lado em um paralelogramo e um triângulo menor.

Após a construção do elefante em forma do Tangram, se encapou o papel pardo com EVA, dos dois lados. Em um dos lados foi desenhado, por um professor da escola, o que correspondia ao que os camundongos disseram ter “visto”. Assim, cada peça do Tangram foi de uma cor, ou seja, o vermelho visualizou o pilar (quadrado), verde a tromba (triângulo menor), amarelo a espada (paralelogramo), o roxo um rochedo (triângulo médio), laranja um leque (triângulo maior), o azul uma corda (triângulo menor), e o branco (triângulo maior).

Em um momento de reflexão, os alunos observaram que no decorrer da contagem da história, os responsáveis por cada peça, virariam a forma plana que estariam segurando, a qual tinha do outro lado a figura que os camundongos “viram”, no entanto, no momento da virada a parte que estaria desenhada com o objeto correspondente ao que cada camundongo viu não representaria exatamente um elefante na forma de Tangram. Mas os alunos concluíram que a ideia era de realmente desfocar (a imagem do elefante), pois os ratos eram cegos.

Nas outras partes do cenário também foram utilizadas as formas geométricas como, o círculo representando o riacho com TNT (Tecido Não Tecido) azul e outro círculo representando o relógio.

Exploramos o áudio da história dos “Sete Camundongos Cegos”, gravado por uma colega^{iv} do grupo de pesquisa com o auxílio de seu filho^v. No áudio a voz dos camundongos foi distorcida e há música para marcar o tempo na narrativa. Este áudio foi utilizado em duas peças de teatro (Figura 7 e 8): a primeira com figuras grandes do Tangram e a segunda com figuras pequenas do Tangram sustentadas por palitos.

Na primeira peça os alunos encenaram, dando vida aos personagens e suas características de acordo com a história, utilizando figuras grandes do Tangram, que de um lado era a peça representando a figura plana e de outro o objeto observado

pelo camundongo, formando assim o elefante representado pelas partes do Tangram.

Para essa atividade os alunos foram desafiados a coordenar o tempo do áudio com as suas ações que representavam o caminho da casa até a lagoa para cada camundongo, ou seja, a sincronização do tempo e da dramatização. Em muitos momentos, percebemo-nos dando muitas risadas e refletindo sobre a posição de cada um na cena, a ação adequada a narrativa da história e o volume exato do som para que ficasse agradável ao espaço. Os ensaios foram realizados na biblioteca, para termos a dimensão do espaço e da encenação do teatro e contamos com a contribuição da professora responsável da biblioteca, com dicas para aprimorar e organizar a turma.

Na segunda peça, utilizando figuras pequenas do Tangran a representação teatral contou com a construção de um cenário de floresta utilizando as figuras planas e os sólidos geométricos. O elefante e os camundongos são as peças de Tangram apoiadas em palitos, como pode ser visto na Figura 8.

As peças de teatro foram apresentadas na biblioteca para as outras turmas da escola, para a direção e às professoras coordenadoras dos projetos de pesquisa. (Figuras 7 e 8).

Figura 7: Cenário da primeira peça



Figura 8: Cenário da segunda peça



Fontes: Acervo da professora.

Nas duas versões de apresentação os alunos foram separados em dois grupos, um grupo correspondia às peças do Tangram que formavam o elefante e o outro grupo os camundongos. (Figura 1) Nas duas versões foi utilizado o áudio elaborado pela colega de pesquisa Luciane Roxo Gomes. Na versão dos palitoches, foi gravado em vídeo para que outros alunos pudessem ter acesso ou ser utilizado

Reflexões sobre a prática pedagógica: do contar ao fazer história no 5º ano do ensino fundamental

em um momento para conhecer a história ou de contação de histórias por outros professores.

Nestas atividades anteriores como o teatro, assim como na matemática, os alunos superaram as expectativas. Isto se justifica, pois houve mais interesse dos alunos, participação ativa, tanto individualmente como no grupo. Muitos alunos têm estas vivências de cultura e lazer só dentro da escola. A atividade também proporcionou trabalhar a noção de espaço, a espera cada um a sua vez para falar ou atuar e a representação das expressões. Mesmo que a história já estava pronta, cada aluno colocou seus sentimentos e emoções livres e espontâneos na encenação, o que desencadeou momentos de descontração, compartilhamento de ideias e criatividade que auxiliaram e melhoraram a atuação, refletindo no desempenho escolar dos alunos em sala de aula.

Na disciplina de português, alguns alunos se propuseram a contar a história com a sua interpretação para os colegas e logo depois, realizaram uma produção textual, modificando a história, que em conjunto foi possível trabalhar as regras ortográficas, a organização de produções textuais com início, meio e fim, ou seja, os passos para montar uma produção textual.

Foi montado um mural no corredor da escola, com um cartaz, para chamar a atenção do restante dos alunos para visualizarem e lerem as produções realizadas. Foi criado também um cartaz para a apresentação do teatro com o nome do livro e a frase “Saber em partes dá uma ótima história, mas o conhecimento vem de saber o todo”.

Nas disciplinas de geografia e artes, da mesma forma que as disciplinas de matemática e português, foi utilizada a moral de camundongo em que as partes de um objeto de conhecimento é valorizada sempre em relação ao conhecimento total do objeto. (YOUNG, 2011), pensando em que outros contextos poder-se-iam utilizar as cores, as formas geométricas, à releitura dos diversos textos verbais e não verbais, ampliando o conhecimento e compreensão do mundo e o que pode estar contido naquele espaço.

Na disciplina de artes a docente trouxe o artista Claudio Tozzi^{vi}, que trabalha com painéis coloridos e com formas geométricas criando efeitos visuais. Os alunos realizaram uma releitura de algumas obras.

Utilizamos para a construção da releitura, primeiramente lembrando as cores primárias (as cores puras: vermelho, azul e o amarelo) e secundárias (união de duas cores primárias: verde, laranja e roxo), depois as figuras geométricas e na sequência utilizamos as cores presentes na história, como o vermelho, o verde, amarelo, roxo, azul, laranja e o branco. Lembrando a moral da história, tentamos ampliar os conhecimentos, fazendo ligações em outros conteúdos/ disciplinas em torno da história. Cada aluno ficou livre para criar e a forma que iria utilizar na organização da sua releitura das obras do artista Claudio Tozzi (Figura 10).

Figura 10: Releitura dos alunos



Fonte: Acervo da professora.

Na disciplina de geografia, se pesquisou sobre a origem, habitat, vegetação do espaço em que vivem os elefantes e camundongos, depois fomos até o mapa e fizemos a localização: minha cidade está contida dentro do estado, que está contido no nosso país, que está dentro da América e assim formando um continente dentro do planeta. Foi construído um painel com o mapa planejado, chamado de “Meu planeta até meu bairro”. (Figura 11)

O painel foi construído com EVA, sendo preso com seis cores, sendo cada cor para cada mapa. Na cor verde, foi chamado de “Meu planeta”, o mapa planejado do planeta. Na cor laranja “Meu Continente”, o mapa planejado do continente americano e da América do Sul. Na cor roxa, o mapa planejado “Meu País”, o mapa planejado do Brasil e suas capitais. Na cor cinza “Meu Estado” o mapa planejado do Rio Grande do Sul e sua bandeira. Na cor azul “Minha Cidade”, um mapa

Reflexões sobre a prática pedagógica: do contar ao fazer história no 5º ano do ensino fundamental

planificado da cidade de Porto Alegre e seus bairros. Na cor vermelha “minha casa”, um desenho de casa, (Com a utilização de formas geométricas) uma representação do que seria o lar de cada aluno. Esta atividade foi inspirada em produções já realizadas na nossa prática docente em anos anteriores.

Figura 11: Meu planeta até meu bairro.



Fonte: Acervo da professora.

Nas sistematizações realizadas pelos alunos, evidenciamos que a atividade possibilitou melhor visualização dos mapas e identificação que um território está contido dentro de outro, do menor que é o bairro e mais próximo da realidade deles (localizar e identificar o espaço onde o aluno vive) até o maior, o planeta. Na sala de multimídia os alunos puderam observar vídeos de satélites mostrando o planeta terra e suas dimensões.

Considerações finais

Ao longo desta jornada, como professoras de anos iniciais, pode-se notar que há diversas formas de ensinar e que os alunos não aprendem da mesma forma. Que todo ano vamos adequando os conteúdos e as práticas educativas de acordo com a realidade da turma. Que não se pode fazer igual, planejamento igual, mas sim, vamos renovando a cada ano e a cada instante. Que muitos dos projetos escolares que realizamos, nem sempre sai como idealizamos, mas que buscamos sempre melhorar o processo de ensino e aprendizagem.

Com este trabalho, notou-se mais comprometimento e interação entre alunos/professor/ e articulação entre os componentes curriculares o que gerou maior participação e protagonismo dos alunos em aula e nas atividades, assim contribuindo para a aprendizagem da turma numa construção coletiva do

conhecimento. Com tais práticas desenvolvidas os conteúdos tornaram-se mais prazerosos e mais próximos da realidade dos discentes.

Houve mais interesse em frequentar a biblioteca, em aproveitar o espaço e tudo o que ela tem participando ativamente das atividades propostas naquele ambiente e fazer da contação de histórias uma possibilidade de aprender e ensinar. A retirada dos livros semanalmente tornou-se mais intensa e, muitos alunos, passaram a retirar mais de um livro. O espaço da biblioteca, aberto a contação de histórias, teatros e demais atividades tornou-se, para além de um espaço de pesquisa e de leitura, mas um espaço dinâmico, ativo e vivo no contexto da escola.

A parceria nos projetos de pesquisa Projeto “Biblioteca Viva: espaço de apoio ao processo de ensino e aprendizagem” e do projeto “Recontextualizar as ciências e a contação de histórias para os processos de ensino e de aprendizagem da educação básica à formação de professores a nível internacional”, também foram essenciais para o aprimoramento das práticas pedagógicas, mostrando que é possível a parceria e contribuição entre universidade e escola. E também não mais importante da gestão da escola, que colabora na execução dos projetos, contribuindo com a aquisição dos materiais e incentivo na formação continuada de seus docentes. As atividades desenvolvidas, com inspiração na história dos “Sete camundongos cegos”, possibilitaram maior interação da turma, entre seus pares e entre, aluno e professor; participação ativa nas aulas; o hábito de ir à biblioteca toda a semana; a retirada de maior quantidade de livros na biblioteca; os alunos ficaram mais desinibidos para se apresentarem à frente dos colegas e outras pessoas; a disciplina da turma melhorou consideravelmente; a imaginação e os conteúdos ficaram mais leves e prazerosos, tornando a aprendizagem mais significativa para eles. Os momentos da hora do conto eram esperados pela maioria dos alunos, expectativa esta que continua no dia a dia da aula.

A prática de contação de histórias contribuiu e alcançou os objetivos propostos, visto que foi possível explorar, interagir e transitar pelos diferentes componentes curriculares através da história dos “Sete camundongos cegos”. Usufruindo de livros e de suas histórias, envolvendo o lúdico e associando-os aos aspectos didáticos, independente da faixa etária a que eles são direcionados,

Reflexões sobre a prática pedagógica: do contar ao fazer história no 5º ano do ensino fundamental

potencializa o ensino e estabelece a aprendizagem. Além disso, interagir e agir nos demais espaços da escola, para além da sala de aula, tais como usufruir mais a biblioteca, estimular e envolver a comunidade escolar nas atividades, incentivar a leitura, integrando mais os conteúdos e envolver os alunos na construção da sua aprendizagem, faz com que eles se tornem protagonista do seu conhecimento.

Referências

BALDI, Elizabeth. **Escrita nas séries iniciais**. Porto Alegre: Editora Projeto, 2012.

COLLINS, R.; COOPER, P. J. **The power of story: teaching through storytelling**. 2. ed. Illinois: Waveland Press, 2005.

DAILEY, Sheila. **Tales as tools: the power of story in the classroom**. National Storytelling Association. Tennessee: National Storytelling Press, 1994.

DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUILLOUËT, François. **Sciences et récit: um questionnement scientifique sur La notion d'organisation em Grande Section**. In.: Grand N IREM. N. 85, p. 61-81, 2010. Disponível em: http://www-irem.ujf-grenoble.fr/revues/revue_n/fic/85/85n4.pdf. Acesso em 10 de mar. 2019.

HAHN, Cristiane. **Tangram, linguagem e emoção: Uma proposta para o ensino de alguns conceitos matemáticos**. 2011. 51f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

MEIRIEU, Philippe. **A pedagogia entre o dizer e o fazer: a coragem de começar**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MINCATO, Marina Camargo. **A hora do conto associada ao lúdico no ensino e aprendizagem de inglês: uma experiência de ensino**. 2017. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação). Canoas: Universidade La Salle, 2017.

PELLOWSKI, Anne. **The world of storytelling: a practical guide to the origins, development, and applications of storytelling**. New York: H. W. Wilson, 1991.

PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações orgânicas e os processos cognitivos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROSSONI, Janaína Cé; FELICETTI, Vera Lucia. **A contação de histórias como ação educativa: reflexões sob o viés da teoria cognitiva da aprendizagem**. Atos de Pesquisa em Educação, Blumenau, v.9, n. 2, p.517-534, 2014.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3ª ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and Practice: New Tools for Critical Analysis**. Oxford: Scholarship, 2008.

YOUNG, Ed. **Sete camundongos cegos**. São Paulo; Editora WMF Martins Fontes, 2011.

Notas

ⁱ O livro faz parte do Programa Nacional da Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

ⁱⁱ CAAE: 98789018.5.0000.5307

ⁱⁱⁱ Espuma Vinílica Acetinada.

^{iv} Professora Luciane Roxo Gomes da escola estadual de Educação Básica General Ilha Ibá Moreira e participante dos projetos de pesquisa: vinculados ao programa de pós-graduação em educação da Universidade La Salle.

^v Lucas Roxo Gomes

^{vi} Cláudio José Tozzi Pintor. Ms em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP)

Sobre as autoras

Mayra G.R. Frison

Graduada em Pedagogia. Escola Estadual De Ensino Médio Professor Alcides Cunha.

E-mail: mayra.gregis@gmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3216-1047>

Vera Lucia Felicetti

Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade La Salle

E-mail: verafelicetti@ig.com.br

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6156-7121>

Luciana Backes

Pós-doutorado em Educação. Professor visitante na Université Lyon 1 na França.

Universidade La Salle e Université Lyon 1 – França.

E-mail: luciana.backes@unilasalle.edu.br

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1395-122X>

Recebido em: 02/06/2019

Aceito para publicação em: 26/08/2019